

AS FACES DA LEITURA: ENTRE O VERBAL E O NÃO-VERBAL

**Surama Thamyres Avelino dos Santos, Silvânia Enedino da Silva
PIBID/Universidade Estadual da Paraíba**

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar e explicitar quais as impressões e os tipos de leitura que têm ganhado espaço entre os alunos, bem como compreender os conceitos de texto verbal e não-verbal formados e formalizados em seu conhecimento. Discutimos acerca da aplicação de uma oficina de leitura, realizada em colaboração com os colegas José Carlos Ribeiro Pereira e Vanusa Lucas Evangelista, numa das turmas do 9º ano do ensino fundamental, na Escola Estadual José Soares de Carvalho, em Guarabira/PB. Partindo de aportes teóricos de autores como Marcuschi (2008), Martins (2004), dentre outros, levantamos o seguinte questionamento: Como os professores das escolas públicas têm apresentado o ato de ler em suas aulas? Desse modo, através dos resultados da atividade, enumeramos alguns dos fatores que contribuem para que o estudante encerre o ensino fundamental e continue encarando os livros como seus inimigos e a leitura como um processo desprazeroso e ineficiente.

Palavras-chave: Leitura; Texto verbal e não-verbal; Ensino.

Introdução

Na nossa vida acadêmica, passamos por várias experiências que nos acrescentam conhecimento da teoria e da prática pedagógica. Tivemos a oportunidade no componente curricular Oficina de Recursos Didáticos, com a professora Vanusa Valério – UEPB, de somar mais desses conhecimentos, começando com alguns textos como: “O Papel do Professor para uma Aprendizagem Significativa”, destacando os desafios que o professor precisa lançar aos alunos e os transformar em conceitos mais ampliados e consistentes, e o texto “O professor mediador”. A mediação é uma forma de interagir, que engloba várias partes da vida dos educandos, os mediadores são aqueles que organizam intencionalmente todos os estímulos que o educando recebe.

Esses e muitos textos apresentados na disciplina Oficina de Recursos Didáticos nos deram um suporte teórico para acrescentar o nosso conhecimento sobre a didática em sala de aula. Logo depois, foi-nos apresentada e proposta pela professora da disciplina, a teoria de uma oficina, e a partir desta obtivemos uma orientação para colocá-la em prática. Posteriormente, a oficina foi adequada para as atividades do PIBID.

A princípio, todos tiveram um pouco de temor, mas depois das orientações, compreendemos a oportunidade de fazer algo novo e provocador, que somasse mais conhecimentos ao público destinado. A oficina tem a intenção de mostrar a leitura para os jovens, apresentando-a com recursos diferentes. O estudo se estende desde leituras de textos a leituras audiovisuais e gestuais,

ou seja, amplia o conceito de leitura para além de conceitos tradicionais. Para a realização desta oficina, o grupo escolheu a Escola Estadual José Soares de Carvalho, no município de Guarabira – PB. A instituição atende a uma clientela de mais de 1200 alunos, e funciona nos turnos da manhã, tarde e noite, oferecendo o ensino fundamental e médio, na modalidade regular e EJA – Educação de Jovens e Adultos.

O público alvo desta oficina foi os alunos do 9º ano desse colégio. Para a realização do nosso trabalho, contamos com a ajuda da professora da escola campo que nos cedeu duas aulas de língua portuguesa e nos ajudou durante a apresentação.

Através da abordagem sobre a leitura durante a oficina, tivemos a oportunidade de ver e entender as muitas interpretações que podem ser feitas e enfatizadas pela prática continuada do ensino, na medida em que este se alicerça diante do contexto social ao qual se destina. Além disso, representa um momento de entender melhor a realidade dos alunos no que se refere aos conhecimentos adquiridos até o final do ensino fundamental.

A oficina

A Oficina Pedagógica “As Faces da Leitura – Entre o verbal e o não verbal” foi realizada no dia 23 de agosto de 2013, das 8 às 9 horas da manhã em uma das turmas do 9º ano, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho, localizada a Rua Henrique Pacífico, Nº 45, Bairro Primavera, na cidade de Guarabira – PB.

Contamos com a presença de 23 alunos que puderam participar ativamente da oficina, além da professora de Língua Portuguesa que nos deu todo o apoio e demonstrou disponibilidade em ajudar no que fosse necessário.

Inicialmente, dialogamos com a turma sobre nossa finalidade: despertá-los para o prazer da leitura a partir do reconhecimento da importância da prática leitora no dia a dia, sobretudo pela presença dela em nosso cotidiano. Para isso, fez-se necessário reconhecer os conceitos de leitura, entendidos, muitas vezes, como o árduo trabalho de decifrar palavras que nem sempre representam muitos significados para o leitor.

Questionamos a turma a respeito do espaço que a leitura ocupa na vida deles. Foram categóricos ao dizer que não gostavam de ler e apenas alguns admitiram ter lido há pouco tempo. Aos que afirmaram ler frequentemente, questionamos sobre qual gênero textual costumavam ter contato. Prevaleceu o romance. Uma das alunas disse ter lido a trilogia *Cinquenta Tons de Cinza*, da escritora britânica Erika Leonard James, que tem feito sucesso junto ao público atualmente. Já outro aluno, afirmou gostar e ter lido a saga *O Senhor dos Anéis*, escrito por J.R.R. Tolkien e que já fora,

inclusive, adaptado para o cinema. Os demais, não hesitaram ao dizer que liam apenas o que a escola os obrigava, nada mais.

Diante desse quadro, lançamos a seguinte pergunta à turma: Qual o conceito de leitura que vocês têm formado ao longo desses anos de estudo? Pelo que disseram, chegamos à conclusão de que eles entendiam a leitura tão somente como uma atividade atrelada ao texto escrito. Conforme nos respondiam, lançávamos outros questionamentos, como: Mas o que é um texto? E assim pudemos observar que a oficina teria a obrigação de desconstruir algumas definições prontas e limitadas que os atormentavam.

Sem dúvida, o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra. Bastará, porém, decifrar palavras para acontecer a leitura? Como explicaríamos as expressões de uso corrente “fazer a leitura” de um gesto, de uma situação; “ler o olhar de alguém”; “ler o tempo”; “ler o espaço”, indicando que o ato de ler vai além da escrita? (MARTINS, 2004, p.07)

Martins (2004) deixa bem claro que a leitura não se restringe a um conceito simples e relacionado à escrita tão somente. Ela vai além e se amplia em consonância com a utilização social que o cidadão faz dela. Os alunos do 9º ano da escola onde aplicamos a oficina não tinham essa visão e, a princípio, relacionavam a leitura apenas ao texto, e mais especificamente, ao texto verbal.

Já que nossa intenção era ampliar o conceito de leitura, apresentamos à turma um curta-metragem produzido através de uma adaptação do conto *A pequena vendedora de fósforos*, de Hans Christian Andersen, que conta a história de uma menina que é forçada pelo pai a trabalhar vendendo fósforos. Uma particularidade do vídeo é a ausência de diálogos entre os personagens, com isso, ‘forçaríamos’ os alunos a ler e entender o contexto apenas pelas imagens, o que já provaria que a leitura pode ser feita sem auxílio de um texto verbal. É claro que, em algum momento, eles já tinham feito isso, mas não tinham consciência de que consistia também no ato de ler.

Apresentado o vídeo, começamos o debate acerca do que viram. Começamos perguntando o que eles haviam entendido com base em uma sequência de perguntas que fomos lançando durante esse momento. Algumas respostas eram unânimes na turma, todos concordavam. Outras divergiam, como a que questionava acerca do motivo da menina estar trabalhando – coisa que não era explícita no vídeo, pois como o pai da protagonista não aparece em momento algum, não seria tão óbvio que eles dissessem: o pai dela o obriga, sobretudo porque eles também não conheciam o clássico conto. Mesmo assim, ainda vimos que um aluno cogitou a possibilidade dela estar trabalhando porque alguém a obrigava. Além disso, também pedimos que eles falassem um pouco sobre a fotografia do curta, se era um espaço no Brasil ou onde seria, como também as relações que havia com as pessoas apresentadas, o semblante e as ações da menina e o destino que a história lhe dá – coisa que vai além do que o vídeo mostra, e requer uma interpretação mais aprofundada do leitor sobre a imagem.

Com essa atividade, valorizamos o incentivo à leitura por prazer, como esclarece Alves (2009):

Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidade de ler, mas que, vida afora, não vão ler um livro sequer. (2009)

Depois de todo o debate, percebemos que eles fizeram uma excelente leitura do vídeo, contando-nos a história, mesmo sem terem visto, em momento algum, uma palavra escrita sequer. É lógico que precisaríamos, neste momento, questioná-los sobre o que fizemos: Isso é leitura? Pensaram um pouco, mas não foram tímidos ao nos dizer claramente que sim, eles acreditavam que era. Foi quando aprofundamos a discussão e lançamos a seguinte pergunta: Mas isso é um texto?

Marcuschi (2008) esclarece que texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas. Koch (2008) acrescenta que o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significado, independente de sua extensão e pode ser qualquer tipo de manifestação realizada através de um sistema de signos (língua).

Contextualizando com Marcuschi (2008) e Koch (2008), entendemos, portanto, que o curta-metragem é, claramente, um texto, tendo em vista que a partir dele convergem os princípios de ação linguística e manifestação visual através de um sistema de signos. No entanto, não se trata de um texto verbal, mas de um texto não-verbal pelo simples motivo de que nele não há a presença da palavra escrita, mas da imagem que dá origem a diversas interpretações motivadas pelo conhecimento interno e externo do leitor que passa a atribuir valores e conceitos ao texto, essencialmente através da leitura.

Nessa perspectiva, é exatamente isso que intencionávamos: mostrar aos alunos, mas não dizendo abertamente. O que queríamos era que eles mesmos chegassem a essa conclusão, sobretudo porque encaramos o conhecimento como algo que não pode ser simplesmente transferido, mas construído a partir de uma série de mecanismos, dentre os quais destacamos o diálogo, o incessante questionamento e a dúvida que dá abertura às respostas possíveis.

Com a certeza de que os alunos entenderam que o vídeo assistido consistia em uma oportunidade de leitura – coisa que eles não sabiam, partimos para o texto verbal que, até então, era o único que eles conceituavam como mecanismo de leitura. Para instigá-los mais ainda, entregamos o conto que deu origem ao curta – *A Pequena Vendedora de Fósforos*. Demos início à leitura e eles acompanhavam atentamente. De vez em quando, no entanto, ouvia-se um comentário do tipo: Olha, eu falei! Notava-se que eles reconheciam que, mesmo sem acesso ao texto verbal, eles puderam, com sucesso, fazer uma relação entre as imagens/cenas e a história que era repassada.

Lido o texto, passamos a uma análise comparativa, postulando o que havia de semelhante ou divergente entre o texto verbal e o não-verbal. A discussão foi bem produtiva pelo seguinte motivo: eles se sentiram capazes ao perceber que haviam entendido o enredo e, a partir de então, já não tinham mais receio em opinar, em acrescentar, inclusive, à história, até porque nenhum texto, independente do tipo, finaliza em si mesmo. O leitor contribui com suas interpretações de maneira decisiva, pois no ato da leitura, “o leitor é orientado pelos valores cultivados pela sociedade e de outro pelo inconsciente, cujos impulsos o criador não conhece, embora os perceba operando em suas ações”. (AGUIAR; BORDINI, 1988, p. 63)

Com essa discussão, ampliamos, de maneira decisiva, o conceito de leitura e de texto entre os alunos, mas ainda precisávamos colocar esse aprendizado em prática. Propomos, então, algumas análises de charges que também têm a imagem como seu ponto de partida perante o leitor, além de constituir, obviamente, como uma oportunidade de leitura que transcende os limites da própria imagem e requer espaços interpretativos no âmago social.

O interesse da turma pelas charges foi notável. Eles discutiam, faziam questão de dizer o que entendiam a respeito de cada uma que projetávamos no datashow e também encaravam bem o humor que emanava de cada imagem analisada. Com isso, além de reforçar ainda mais o conceito de leitura e texto entre eles, também tivemos a certeza de que a charge é um gênero textual que agrada a todos, independentemente da idade, gênero e classe social, pois mesmo que as interpretações não sejam tão vastas, elas ultrapassam os limites do óbvio.

Para finalizar a oficina, pedimos aos alunos que avaliassem o aprendizado deles depois dos esclarecimentos e vimos que estavam satisfeitos com o trabalho feito, e mais – aprenderam algo que não devem esquecer, afinal, são conceitos tão simples, mas também tão essenciais que, se bem transmitidos, eles contribuem para que as aulas de língua portuguesa se tornem mais atrativas, afinal, o aluno precisa saber que a leitura vai muito além do escrito e, assim, ele deve encarar melhor um texto literário, um artigo de opinião ou qualquer outro gênero, tendo em vista que é ele quem mais interfere no que lê.

Resultados e conclusões

Com o trabalho nesta oficina, percebemos o quanto ainda é deficiente a educação básica que propõe alfabetizar o aluno logo nos primeiros anos do ensino fundamental e não se mostra capaz de capacitá-lo a reconhecer alguns conceitos básicos e práticos referentes à língua com a qual tem contato constante. Essa deficiência fica clara quando, durante a oficina, notamos o quão ainda é restrita a noção de leitura pelos alunos. O comum, na maioria das vezes, é ouvir: eu não gosto de ler. Mas como não se gosta de algo que não se teve a oportunidade de conhecer?

A escola, em grande parte de seu tempo, está preocupada mais em cumprir o currículo do que, efetivamente, ensinar ao aluno o que ele precisa saber para caminhar com os aprendizados de que necessita. Abarca uma série de alunos que leem por obrigação, por imposição, mas não se preocupa em saber se aquela leitura é representativa para eles. Não é de se admirar, portanto, que além de não ser bem vista, esse tipo de leitura seja a única apresentada em muitas instituições de ensino.

É preciso ir além e tentar fazer com que o aluno também leia – e na escola, algo que ele tenha interesse, algo que haja correspondência com o seu mundo, afinal, se ele não entende que a literatura, por exemplo, apresenta uma discussão social, ele jamais saberá qual a finalidade dela. Se o aluno consegue identificar que *Romeu e Julieta* é um tipo de leitura e, por outro lado, não sabe que uma placa que ele ver na rua também é leitura, é sinal que temos cumprido apenas o que o sistema nos indica e não temos nos preocupado com o ambiente onde o aluno vive, ou este não seria um participante de situações práticas, semelhantes até com os personagens que ele conhece nos livros propostos como leitura obrigatória pela escola?

São reflexões como essas que esta oficina nos possibilita – a de que precisamos tornar o ensino mais próximo do aluno, fazendo com que ele se identifique, se veja em um romance, se coloque em uma charge, entenda a função da leitura, conheça o texto, mas que também seja representado nele ou veja representadas pessoas que ele conhece na sociedade em que vive, pois enquanto mantermos uma distância entre escola e sociedade, não conseguiremos, de fato, fazer com que o aluno se interesse pelas duas, e conseqüentemente alguma será esquecida.

Diante do que observamos na oficina pedagógica desenvolvida, percebemos a carência dos alunos no que se refere à leitura. É urgente e necessário que as escolas públicas do país desenvolvam projetos que despertem o aluno para essa atividade. Não podemos continuar reféns de um sistema que se preocupa mais com notas do que com o aprendizado de sua clientela.

Atualmente, o ensino médio recebe alunos que não tiveram, em nove anos de estudo, a oportunidade de ler e discutir um livro que o fizesse enxergar a oportunidade de aprender através da leitura. A escola tem formado alunos que repetem incessantemente: os livros são chatos, eu odeio ler, mas, por outro lado, nem sequer sabem o que, de fato, é a leitura que ousam citar, até porque o que eles dizem odiar realmente qualquer um odiaria pelo simples fato de que ninguém gosta de ser pressionado a ler algo para fazer um resumo, para fazer um exercício teórico apenas. A leitura precisa ser discutida para ter significado perante o aluno. Enquanto não fizermos isso, não obteremos resultado.

Estamos preparando alunos tão somente para decorar algo e repetir. À medida que não os instigamos, não os despertamos para pensar, para criticar, não estamos, portanto, preparando cidadãos dispostos a interferir diante da realidade. Julgamos, às vezes, estar preparando para os

vestibulares, mas o maior exame do Brasil – ENEM, já tem mostrado que não dá oportunidade para aquele que não ler e, conseqüentemente, não sabe interpretar as questões apresentadas. Não lidamos com robôs, preparamos pessoas, e estas não podem simplesmente ser programadas, mas despertadas, e a educação tem obrigação de fazer isso.

Referências

AGUIAR, V.T.; BORDINI, M.G. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ALVES, Rubens. **Concertos de Leitura**. Disponível em: <<http://www.acordandopalavras.org/wp-content/uploads/2009/12/Para-experimentar.pdf>>. Acesso em: 04 Set. 2013.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística Textual**: introdução. 9ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual**: Análise de Gêneros e Compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2004.